

CULTO AO CORPO E ESTILOS DE VIDA: O JOGO DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA CULTURA CONTEMPORÂNEA.

Ana Lúcia de CASTRO¹

- RESUMO: Este artigo analisa as relações entre corpo e identidade, buscando – através da discussão sobre dados levantados em pesquisa de campo realizada em academias de ginástica na cidade de São Paulo – discutir as correspondências entre a modalidade de atividade física praticada e outras “escolhas” realizadas pelos indivíduos na construção de estilos de vida, bem como o papel central ocupado pelo culto ao corpo no complexo jogo de construção de identidades que marca o mundo contemporâneo.
- PALAVRAS-CHAVE: Culto ao corpo. Identidades. Estilos de vida. Consumo cultural. Sociabilidade.

Tomando como universo empírico os resultados de trabalho de campo, de cunho etnográfico, realizado em academias de ginástica localizadas em diferentes regiões da cidade de São Paulo, Brasil, este artigo contribui para a discussão acerca da centralidade do culto ao corpo² na construção dos estilos de vida e, conseqüentemente, na constante redefinição das identidades pessoais operada pelos indivíduos na cultura contemporânea.

A reflexão sobre o conceito de identidade esbarra, necessariamente, nas noções de **contato** e **fronteira**. Os cientistas sociais vêm marcando a idéia de que é através das interações sociais, ou seja, no **contato** com as instâncias socializadoras (e a mídia atualmente é uma das mais importantes delas), que

¹ Centro Universitário SENAC. Faculdade de moda – Programa de Pós-Graduação em Moda, Cultura e Arte. São Paulo – SP – Brasil. 04696-000 – lucia-castro@uol.com.br

² Culto ao corpo está sendo entendido aqui como todo tipo de prática e cuidado corporal que tenha como preocupação central aproximar o corpo o máximo possível de um padrão de beleza estabelecido socialmente (pele clara, mas bronzeada, cabelos lisos, formas retilíneas).

a identidade é (re) construída. No escopo da antropologia, a discussão sobre a problemática da identidade é, invariavelmente, associada à idéia de **contato**. É no contato com a alteridade que a questão se impõe, contato este que só é possível na medida em que as **fronteiras** entre grupos são ultrapassadas ou borradas. Assim, pensar sobre a identidade (ou sobre o que une) é, necessariamente, colocar em questão o que distingue (ou o que separa), como bem nos ensinou a tradição antropológica.

As ciências sociais contam com diversos estudos que demonstram a forma como o corpo se configura em símbolo de uma cultura, espaço onde se projetam códigos de identidade e de alteridade, sendo os usos que dele se faz, associados ao vestuário, ornamentos e pinturas corporais, indicativos de universos simbólicos, capazes de nos ajudar a melhor compreender o mundo que os envolve. Vários trabalhos etnográficos nos dão conta do papel central ocupado pelo corpo para definição de identidades e elos de pertença a determinados grupos sociais em sociedades não ocidentalizadas. Escarificações, tatuagens, pinturas e adornos corporais são recorrentemente identificados por estudiosos como recursos de marcação da condição social³.

Ao refletir acerca das identidades em contextos modernos, Anthony Giddens⁴ aponta que o *self* – entendido como auto-identidade – é produto de um projeto reflexivo, sendo o indivíduo o principal responsável por ele. Segundo o autor, a **reflexividade** joga importante influência sobre a dinâmica da vida moderna, uma vez que “[...] diz respeito à possibilidade de a maioria dos aspectos da atividade social, e das relações materiais com a natureza, serem revistos radicalmente à luz de novas informações ou conhecimentos”. (GIDDENS, 1997, p.18). Trata-se, claramente, de um esforço do autor de pôr em relevo a efemeridade e multiplicidade de espaços e instituições que marcam a condição moderna, situando o indivíduo como ser atuante neste processo. Diante da multiplicidade e segmentação de cenários que constituem a vida moderna, os estilos de vida

³ Os registros etnográficos são dispersos e ainda está por ser realizada a tarefa de reuni-los e discuti-los em um só trabalho. Podemos destacar os trabalhos de Muller (1992); Benedict [195-]; Mead (1969) e Mauss (2003).

⁴ Giddens (1997) define os contextos de modernidade como pós-tradicionais, referindo-se às sociedades urbano-industrializadas desenvolvidas a partir da consolidação do capitalismo industrial. Embora o autor tenha como referência os processos de modernização dos países hegemônicos, fornece uma contribuição para a reflexão sobre os países latino-americanos, os quais, mesmo que posterior e parcialmente, experimentam condições e situações similares.

configuram-se em espaços, ou **ambientes de ação** específicos, denominados por Giddens (1997, p.77-78) de

[...] setores de estilo de vida. Em parte devido à existência de múltiplos ambientes de ação, as escolhas e atividades de estilo de vida tendem com grande freqüência a ser segmentárias para o indivíduo: os modos de ação seguidos num contexto poderão variar mais ou menos substancialmente em relação aos adotados em outros contextos.

O constante processo de redefinição do *self* implica na construção de um estilo de vida, no qual o corpo assume papel central:

[...] os regimes do corpo e a organização da sensualidade na modernidade tardia tornam-se abertos a uma contínua atenção reflexiva, sobre o pano de fundo da pluralidade de escolha. Tanto o planejamento da vida como a adoção de opções de estilo de vida se tornam (em princípio) integradas com regimes corporais. (GIDDENS, 1997, p.95).

A **aparência** – envolvendo adornos, posturas e modos de vestir – passa a depender cada vez mais das formas e volume corporais. Dietas, regimes e atividades físicas regulares serão os principais recursos adotados pelos indivíduos para tornarem ou manterem seus corpos **adequados** ao projeto de construção de identidade. O corpo torna-se elemento central no projeto reflexivo do *self*.

Neste contexto, podemos afirmar que o corpo configura-se, cada vez mais, como território de construção de identidade. A preocupação com a apresentação e com o corpo vem assumindo centralidade na vida cotidiana dos indivíduos, a tal ponto que os espaços de culto ao corpo (sendo a academia de ginástica um dos mais emblemáticos) caracterizam-se como uma das principais maneiras de se estabelecer formas de sociabilidade, construir marcas identitárias e de distinção social (CASTRO, 2003).

É através do corpo, sua apresentação e forma, que o indivíduo apresenta os elementos a serem culturalmente decodificados para operarem como indicadores de poder social e prestígio, algo sobre seu universo cultural (FEATHERSTONE, 1994). Neste sentido, vale lembrar que Bourdieu (1988) indica a linguagem corporal como marcadora de distinção social, apontando a forma de apresentação (incluindo o vestuário, consumo de cosméticos

e higiene pessoal, cuidados e manipulação com o corpo), como uma das mais importantes formas de distinguir-se, ao lado do consumo alimentar e do consumo cultural.

Diante destes pressupostos, voltemos o olhar para o interior de um dos espaços centrais para se cultivar o corpo no mundo contemporâneo: a academia de ginástica. Antes, porém, cabe uma breve exposição dos procedimentos e critérios que orientaram o trabalho de campo.

Metodologia

Ao buscarmos apreender os estilos de vida dos frequentadores das academias de ginástica investigadas, três variáveis sociológicas saltaram aos olhos: **classe social, gênero e geração**. Vale salientar que Maria Celeste Mira (2001) propõe este mesmo recorte para explicar a segmentação do mercado de revistas e os estilos de vida dos leitores de revistas.

Por estarmos trabalhando com frequentadores de academia de ginástica, lidamos com **classes médias** e suas variantes: média-baixa, média alta, média-média. A classe é elemento definidor do **capital cultural** do indivíduo, influenciando seu **consumo cultural**, entendido como o consumo de bens simbólicos: livros, discos, filmes. A reflexão sobre **consumo cultural** proposta neste trabalho considera a condição de classe atravessada pelas variáveis **gênero e geração**, conceitos que, recentemente, passaram por uma rediscussão e ampliação dos seus significados originais e devem ser compreendidos desvinculados das determinações biológicas.

Gênero refere-se às categorias masculino e feminino, entendidas neste trabalho como identidades sociais construídas culturalmente. Compartilhando com a tendência recente das teorias sobre as relações de gênero, questionamos a correspondência direta entre **sexo biológico** – definido pelo aparelho reprodutor –, **identidade de gênero** – construída culturalmente, envolvendo valores e concepções associados ao sexo biológico – e **orientação do desejo sexual** – heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade⁵.

⁵ As teorias sobre gênero que caminham nesta direção vêm sendo chamadas de *Queer*. Destacamos o trabalho de Jagose (1996) e Butler (1990).

A variável **geração** vem sendo colocada em voga através dos estudos sobre **terceira idade**, fenômeno que ganha força com as mudanças demográficas, fruto do prolongamento do tempo de vida. Em sua etnografia do pensamento moderno, Clifford Geertz (1983) aponta três aspectos de união entre os membros de um mesmo meio intelectual, que se encontram ligados **não mais** por terem nascido temporal e geograficamente próximos e, sim, porque devem envelhecer juntos: o uso de práticas convergentes (intelectuais e éticas); vocabulário comum e inserção num ciclo de vida determinado, envolvendo ritos de passagem comuns, definições semelhantes de papéis, idade e sexo seriam os laços geracionais.

Curiosamente, em nossa pesquisa os grupos praticantes de ginástica convencional, embora na maioria jovem, aproxima-se, em termos de consumo cultural, do grupo da terceira idade: a escolha de uma atividade física convencional associa-se a outras escolhas convencionais, definindo um gosto médio. Os capoeiristas, por sua vez, caracterizam-se por compartilharem um universo cultural comum e, por conseguinte, realizarem um mesmo tipo de consumo cultural, que respeita as particularidades próprias da adolescência – fase da vida em que a maioria se encontra –, ou seja, neste caso, a idade biológica é um importante fator na definição do estilo de vida do grupo.

A escolha da modalidade de atividade física a ser praticada – que constitui um tipo de consumo cultural, configurando uma das dimensões do estilo de vida dos frequentadores de academia de ginástica – é, como veremos, fortemente influenciada pelas variáveis **classe, gênero e geração**, que se mesclam e se atravessam mutuamente na formação social contemporânea.

O campo da pesquisa

Para a coleta de dados, lançamos mão de três instrumentos de pesquisa: observação e registro em **diário de campo, formulário de autoperenchimento**, com questões em sua maioria fechadas, buscando compor um perfil sociocultural dos frequentadores de cada modalidade estudada, e **entrevistas** a partir de roteiro semi-estruturado, com frequentadores e professores, visando ao aprofundamento de questões detectadas durante a observação e aplicação dos formulários.

A partir de um mapeamento das academias de ginástica existentes na cidade de São Paulo, selecionamos as academias com base nos seguintes critérios:

- **Localização:** academias no centro e na periferia;
- **Modalidades oferecidas:** academias que, além da **malhação** (aeróbica, localizada, *step*), oferecessem cursos com uma linha **terapêutica** ou preocupados com a consciência corporal (*yoga*, hidroterapia, tai-chi-chuan) e artes marciais (práticas de origem oriental, que aliam autodefesa, condicionamento físico e uma filosofia que tem como princípios o equilíbrio e bem-estar físico-psíquico);
- **Porte:** buscando garantir estabelecimentos de grande e pequeno porte, com base no número de alunos e área em m².
- **Preço:** selecionando locais com preços diferentes.

Assim, as academias visitadas foram:

■ **Fórmula:** localizada num elegante Shopping, situado em uma região nobre da cidade, é a academia de maior porte na América Latina (4 mil alunos, 60 professores e 6000m²) é uma das academias mais badaladas da cidade. Sempre apresenta inovações em termos de *fitness*: os aparelhos mais modernos, os programas de treinamento mais completos e as roupas de **malhar** que viram moda. É a mais cara de todas, e o leque de opções é grande: ginástica aeróbica, localizada, *step*, alongamento, hidrogenástica, natação, musculação, judô, karatê, jiu-jitsu, kung-fu, tai-chi-chuan, ginástica olímpica, atletismo, squash, jazz.

■ **SESC - Pompéia:** localizado num bairro de classe média, Pompéia, é conhecido por seu papel alternativo no cenário cultural da cidade. O complexo esportivo do SESC oferece: ginástica voluntária, Interação esportiva, hidrogenástica, natação (infantil, adulto e terceira idade), capoeira, judô, tae-kwo-do, kung-fu, tai-chi-chuan, *yoga*, além de cursos de modalidades esportivas, como basquete, vôlei, handebol e de danças (do ventre, flamenca, afro, jazz, salão).

■ **Dandy:** localizada em um bairro periférico da cidade, conta com 200 alunos e 7 professores. Oferece ginástica aeróbica, localizada, *step*, musculação, jazz, natação, *yoga*, hidrogenástica, judô, karatê, kung-fu, balé, ginástica olímpica e dança de salão.

A análise das entrevistas e dos formulários apontou a necessidade de contemplar um espaço freqüentado maciçamente por homens, visando aprofundar uma discussão sobre o gênero masculino. Assim, incluímos, posteriormente, em nossa amostra a Bad Tiger, localizada na periferia da zona norte da cidade, oferece musculação, seu carro-chefe, além de aulas de aeróbica, karatê e axé, contando com 120 alunos e 5 professores.

Agrupamos em quatro modalidades as atividades de culto ao corpo: **luta/autodefesa**, **dança**, práticas que promovem principalmente a **consciência corporal** e práticas/exercícios com fins exclusivamente **estéticos**. Com o intuito de considerar os quatro grupos, optou-se pelas seguintes modalidades, em seus respectivos locais:

Luta e autodefesa:	Capoeira	- SESC, Fórmula e Dandy
Consciência corporal:	Yoga	- SESC e Fórmula
Estéticos:	Ginástica localizada:	- Fórmula e Dandy e SESC
Dança:	Dança de salão	- SESC e Dandy

Assim, temos 10 grupos, praticantes de diferentes modalidades em quatro locais. Buscamos identificar similaridades ou regularidades e diferenças ou particularidades do culto ao corpo em cada grupo estudado e, para tanto, durante as visitas às academias, registramos observações e impressões em diário de campo e entrevistamos freqüentadores e treinadores/professores de Educação Física, entendidos como **intermediários culturais**, na medida em que **filtram** os conhecimentos científicos sobre o corpo e seu funcionamento, em uma linguagem acessível aos alunos.

Todas as turmas que estavam sendo acompanhadas receberam o formulário de autopreenchimento, totalizando um universo de 190 freqüentadores, dos quais 164 (86%) o devolveram preenchido.

Para a entrevista, foram escolhidos alunos que se destacavam como lideranças (por serem extrovertidos e por terem freqüência assídua às aulas e curiosidade pela minha presença, que depois se transformou em interesse pela pesquisa). As entrevistas

foram transcritas e organizadas por temas, cotejando-se com as informações registradas no diário de campo.

Estilos de vida e atividade física: a diversidade dos freqüentadores de academia

O conceito de **estilo de vida** é formulado por Simmel (1989) em sua análise sobre a modernidade. Na visão do autor, o estilo de vida é formatado no jogo entre subjetividade e objetividade, ou da **experiência** individual do contato com a multiplicidade e efemeridade – próprias da vida moderna. Segundo Waizbord (2000, p.188, grifo nosso), o “[...] estilo de vida [...] ganha forma na relação que se estabelece entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva. É por assim dizer a ‘proporção’ e o ‘modo’ como elas se relacionam que determina o que é o estilo de vida de um momento determinado do processo da cultura.”

Simmel busca discutir **um** estilo de vida, correspondente a um período histórico: **o estilo de vida moderno**. Preocupado em analisar as maneiras como os indivíduos buscam estabelecer **distinções sociais**, Pierre Bourdieu recupera o conceito e o coloca **no plural**, localizando-o no interior da diversidade de grupos sociais. Segundo este autor,

O estilo de vida está vinculado ao *habitus*, pois o gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida. (BOURDIEU, 1983, p.82).

Na visão de Bourdieu (1983, p.83), o **estilo de vida** engloba vários aspectos interligados, que apontam para um *ethos* particular. “Cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras; as oposições entre as classes se exprimem tanto no uso da fotografia ou na quantidade e qualidade das bebidas consumidas quanto nas preferências em matéria de pintura ou de música.”

Se o culto ao corpo é, hoje, preocupação geral, que atravessa todos os setores, classes sociais e faixas etárias, apoiado no discurso da estética e da preocupação com a saúde, a maneira como se realiza no interior de cada grupo é diversificada. Partimos da hipótese de que a escolha da modalidade esportiva, da ginástica, da dança e da academia está associada às demais

esferas da vida e às escolhas realizadas no atual mercado de bens. Por constituir-se numa modalidade de **consumo cultural** – na medida em que envolve o consumo de signos e imagens – o culto ao corpo configura-se um território de construção de identidades e de estabelecimento de formas de distinção, caracterizando-se como um dos aspectos formatadores dos estilos de vida.

Assim, este trabalho busca analisar diferentes formas de culto ao corpo e suas articulações com os estilos de vida dos praticantes, definidos pelos fatores gênero, geração e classe. Para tanto, elegeram-se três locais, recortados pela freqüência diferenciada em termos sócio-econômicos, para observar cinco diferentes modalidades de atividade física: *yoga*, *capoeira*, *dança de salão* e *ginástica localizada e musculação*.

Yoga e “misticismo culto”: o estilo alternativo

Para Elisabeth Moltmann Wendel (1995) a tendência a conceber o corpo integrado ao cosmos vem crescendo na contemporaneidade. A autora relaciona esta tendência com três movimentos – que podemos denominar culturais – ocorridos na segunda metade do século XX: o movimento da contracultura, que teve importante marco nas manifestações estudantis de 1968, o movimento feminista e o movimento *new age*. O movimento de 1968 erige o prazer e a sexualidade como símbolos de liberdade, o feminismo, ao reivindicar o direito da mulher sobre seu corpo, desvincula sexo de reprodução e o *new age*, numa perspectiva holística, insere o corpo na totalidade cósmica, de maneira interdependente.

O *new age* surge num momento em que as sociedades ocidentais se deparam com grave crise ecológica, provocada pelo desenvolvimento técnico e científico. Conforme Wendel (1995, p.6): “O pensamento *new age* não é orientado pela visão mecânica do mundo, de acordo com a qual a natureza é dominada pelo poder e pelo conhecimento, mas pela idéia do universo como uma rede dinâmica de processos interconectados.”

Tal concepção de mundo – que podemos chamar de holística – nega a existência de seres isolados, pois todas as criaturas dependeriam de outras, e questiona as intervenções biomédicas, defendendo que o indivíduo deve ser visto como uma totalidade. Com o movimento *new age*, ocorre uma revalorização

da idéia de que o autoconhecimento é pressuposto para os indivíduos buscarem a cura por recursos próprios, através de mentalizações e energizações.

O *new age* configurou-se mais claramente no decorrer dos anos 80 e contribuiu para a difusão do *yoga*, prática que busca quebrar a dicotomia entre corpo e mente, matéria e espírito, conferindo ao indivíduo o poder de diagnóstico e cura pela auto-observação e autoconhecimento e propondo a visualização de energias que fluem pelo corpo e seu controle pela mente⁶.

Nesta pesquisa, o grupo dos praticantes de *yoga* diferencia-se dos demais por seu caráter **alternativo**, uma vez que os depoimentos por eles prestados sempre destoaram da linha geral de respostas no que se refere ao gosto cultural, conforme demonstraremos adiante. Os *yoguis* constituem, neste trabalho, o grupo melhor posicionado economicamente e culturalmente e buscam na atividade física algo além do modelamento das formas corporais, visando ao que se aproximaria da noção de **saúde mental** e demonstrando estar imbuído por uma espécie de **misticismo culto**, que não deixa de ser uma forma de **auto-ajuda** ou **reflexividade**, típica de classes sociais mais instruídas e melhor favorecidas economicamente.

Além da busca de uma maior integração corpo-mente, o grupo dos *yoguis* revela uma maior preocupação com uma alimentação mais saudável e balanceada, remetendo à análise de Bourdieu (1988) sobre o padrão alimentar segundo as classes sociais, que aponta a preferência por determinados alimentos como dependente da noção que cada classe detém sobre o corpo e os efeitos da alimentação sobre o mesmo. Assim, as classes populares, mais preocupadas com a força que o alimento proporciona ao corpo do que com a forma que este pode vir a assumir, preferem os alimentos baratos e que dão a sensação de sustento, ricos em carboidratos e gorduras, como pães, batatas, manteiga, enquanto os profissionais liberais valorizam, em suas escolhas, além do sabor, o fato de serem leves e não engordarem.

Como já colocado, a escolha dos locais a serem por nós estudados levou em conta o critério sócio-econômico. A Fórmula, localizada no Jardins – bairro nobre da cidade – é freqüentada

⁶ A prática do *yoga* vem sendo objeto de matérias em revistas e programas de televisão femininos. Em entrevista a esta pesquisa, a professora de *yoga* da Fórmula Academia afirmou que nos últimos anos tem aumentado o interesse dos freqüentadores pela prática do *yoga* e o número de participantes por sessão vem aumentando consideravelmente, o que ela atribui ao *stress* gerado pelo ritmo de vida urbano.

pelos classes altas, concentrando a maior parte dos casos que declararam renda familiar acima de 50 salários mínimos; a Dandy localiza-se na Vila Matilde – Zona Leste, região carente e com precária infra-estrutura urbana – e é freqüentada por pessoas pertencentes à classe média, apresentando uma concentração de casos – embora em menor intensidade do que na Fórmula – nas faixas superiores de renda. O que diferencia os freqüentadores da Fórmula e da Dandy não é tanto o nível econômico, mas o **capital cultural**, como definido por Bourdieu⁷. Embora tenham níveis de renda não tão mais baixos, os freqüentadores da Dandy vão menos ao cinema, teatro e lêem bem menos que os da Fórmula e não é por acaso que lá não se ofereça o *yoga*, pois, segundo a professora de ginástica entrevistada, uma sondagem realizada dentre os alunos revelou a total ausência de interesse por essa prática.

O SESC Pompéia, por sua vez, constitui-se num circuito cultural no qual a prática de exercícios é apenas parte das atividades, freqüentado por uma classe média que podemos denominar como **alternativa**. Entre os entrevistados no SESC ocorre grande concentração de casos que declararam renda familiar inferior a 5 salários mínimos, sendo a maior parte freqüentadores de ginástica para a terceira idade, aposentados e pensionistas. A Tabela 1 indica a distribuição da população investigada segundo a renda familiar.

Tabela 1 – Renda Familiar dos freqüentadores entrevistados:

Renda Familiar	Nº	%
Menos de 1 salário mínimo	3	1,8
De 1 a 2 salários mínimos	5	3,6
De 2 a 3 salários mínimos	4	2,9
De 3 a 5 salários mínimos	14	10,0
De 5 a 10 salários mínimos	23	16,4
De 10 a 15 salários mínimos	20	14,3
De 15 a 20 salários mínimos	29	20,7
De 20 a 30 salários mínimos	20	14,3
De 30 a 50 salários mínimos	10	7,1
Mais de 50 salários mínimos	12	8,6
Total	140	100,0

Obs.: 24 casos sem informação

⁷ O **capital cultural** é o resultado da soma daquilo que é herdado da família e assegurado pelos conhecimentos apreendidos nos bancos escolares. Para uma discussão mais aprofundada do conceito, ver: Bourdieu (1988, p.10-11; 20-21;78-79).

Conforme indicado na Tabela 1, apenas 18,3% dos entrevistados têm renda familiar abaixo de 5 salários mínimos e a faixa de renda mais citada vai de 15 a 20 salários mínimos. A renda, isoladamente, não pode ser tomada como variável que indique classe social, pois apresenta problemas das mais diversas ordens, como a recusa, por parte do informante, em fornecer a informação precisa, por vergonha, no caso de rendas baixas, ou por medo, no caso de rendas mais altas. Tomar a renda familiar sem levar em consideração o número de pessoas que compõem o núcleo não é muito eficiente, e, mais do que o valor, importa saber como o indivíduo destina seus recursos.

Contudo, a renda é um indicador – principalmente se associada a outras variantes – da classe social, a qual é uma variável sociológica importante para discussão sobre estilo de vida e gosto cultural. Em se tratando de frequência à livraria e hábito de ler, o fator renda familiar foi o grande divisor de águas, uma vez que neste estudo identificamos a mesma tendência apontada por Arantes (1994, p.43), segundo o qual “apenas os mais ricos referem-se à leitura” como forma de ocupar o tempo livre. Entre os frequentadores da Fórmula Academia, é muito mais recorrente a frequência à livraria, enquanto, para os frequentadores da Dandy, este hábito é eventual. Na Dandy, eles se referem a leituras obrigatórias para o vestibular, como *Dom Casmurro* e *São Bernardo*, ou *best-sellers* comprados no circuito shopping center ou adquiridos do Círculo do Livro, como Agatha Christie, Sidney Sheldon e Paulo Coelho.

Quanto ao hábito de ler jornais e revistas, a mesma tendência observada em relação à leitura de livros aparece, embora quantitativamente a referência à leitura de jornais e revistas seja bem maior. Mais uma vez nossos dados vão ao encontro dos resultados apontados por Arantes (1993), quando afirma que a leitura de jornais é mais recorrente do que a de livros nas classes menos favorecidas, embora ainda apresente frequência muito menor do que nas classes altas. Os jornais mais lidos são *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e, dentre os capoeiristas, que demonstram interesse maior pelo esporte, *A Gazeta Esportiva*. Na Dandy, a maioria não lê jornais.

As referências a leituras de livros, jornais e revistas são mais frequentes nas faixas de renda mais elevadas. O mesmo ocorre com o teatro, que só é referido pelas faixas de renda acima de 10 salários mínimos, enquanto o hábito de frequentar cinema

perpassa todas as faixas, mais intensamente as faixas de renda mais altas. Nas faixas acima de 30 salários mínimos, as referências, bastante diferenciadas, envolvem diretores identificados com o circuito *cult*, como Bergman e Kurosawa.

Os *yoguis* também parecem compor o grupo que mais lê, uma literatura, ligada à conscientização, interiorização e autoconhecimento. Os títulos passam por *Cura prânica*, *Inteligência emocional*, *Sete anos no Tibet*, *Dersu Uzala*, *A luz do Yoga*, *Projeciologia e conscienciologia*, *Uma mente inquieta*, *A crônica de Akasha – trânsitos/astrologia* e, o grande campeão de referências neste grupo, *O mundo de Sofia*, *best seller* no momento de realização da pesquisa, que conta a história de uma garota – Sofia – que recebe lições de filosofia por cartas anônimas. Numa outra linha, livros ligados à arte e a viagens são referidos – somente entre os frequentadores da Fórmula – como *História da Arte*, *Livros de Arte*, sem título específico, ou *Cidades perdidas da África e da Arábia* e *Viajando pela Europa*. Dentre os frequentadores de ginástica para terceira idade do SESC, referências ao Espiritismo, com livros de e sobre Alan Kardek e títulos como *Só o amor é real* e *Criando prosperidade*. Na Dandy, o *yoga* não é oferecido.

Em todos os grupos trabalhados, estabelecer laços de sociabilidade é forte motivação para a prática de atividade física, variando de acordo com o universo cultural de cada grupo. Para os praticantes de *yoga* do SESC, o professor divulga a *Diwali*, a festa das luzes, que comemora o ano novo indiano. A festa – um coquetel dançante, com músicas e performances indianas – ocorreu, quando de nossa pesquisa, no salão de convenções de um flat.

A festa das luzes é o *Diwali*, que é das velas, todo mundo vai de branco e é em outubro, quando os indianos comemoram o ano novo [...] e tem também a festa das cores, uma festa superlegal, alegre, as pessoas têm que estar bem, de cores quentes, rolam abraços calorosos e todo mundo já vem com alguma coisa de casa, que é escrito de próprio punho e lido para o público. (informação verbal)⁸

Além de participar de festas tradicionais indianas, o grupo realiza excursões em finais de semana, explorando o contato com a natureza.

⁸ Depoimento de Júlio, professor de *yoga*, SESC.

Neste próximo final de semana a gente vai descer uma corredeira, trabalhando o elemento água. A gente já fez trabalhos voltados para o elemento terra, o cerimonial da lama, por exemplo, que a gente passa lama no corpo todo, o fogo a gente trabalha fazendo fogueira. No mês passado a gente foi pra uma caverna fazer meditação, que é um mergulho dentro da mãe terra. (informação verbal)⁹.

Os praticantes de *yoga* da academia freqüentada por classes mais abastadas (Fórmula) costumam, também, jantar com a professora, em um restaurante indiano em um bairro nobre da cidade.

O *yoga* é uma modalidade de atividade física não oferecida em um dos locais estudados, a Dandy, localizada na periferia e freqüentada por pessoas que detêm um baixo capital cultural. Nos locais em que é oferecido – Fórmula e SESC Pompéia – os freqüentadores das salas em que se pratica *yoga* são diferenciados, daqueles que freqüentam os outros espaços, no que diz respeito ao gosto cultural: constituem o grupo que mais tem como hábitos a leitura e a freqüência ao cinema, preferindo estilos musicais mais sofisticados (jazz, clássico) e programas culturais na televisão. O *yoga* caracteriza-se, então, por ser a atividade mais procurada por indivíduos que gozam de um nível socioeconômico mais alto, o que se deve ao fato de que são esses os indivíduos que têm as condições necessárias para a realização da proposta principal desta prática: a busca do autoconhecimento pela interiorização, o que requer tempo e ausência de preocupação material com a sobrevivência.

Danças de salão, capoeira e musculação: performances públicas e gênero

Optamos por analisar conjuntamente os grupos de praticantes de capoeira, dança de salão e musculação, porque propiciam a exibição em público do que foi apreendido em aulas e ensinam uma discussão sobre gênero.

Os grupos de dança de salão e capoeira fazem da academia um espaço de sociabilidade, que se expressa também fora dela. Uma vez, enquanto aguardava a chegada do mestre, a turma de capoeira comentava sobre a viagem que fizera a um sítio no sábado anterior e começava a organizar a próxima para a praia

⁹ Depoimento de Júlio, professor de *yoga*, SESC.

a fim de comemorar os aniversários do mês, que totalizavam 8, juntando-se as turmas de capoeira e de dança afro. Percebemos uma ligação entre os alunos de capoeira e de dança afro, sendo que alguns freqüentam ambos os cursos.

Quando tem uma festa ou uma roda de capoeira no meu bairro, eu convido os alunos. Sábado passado teve uma festa de São Cosme e São Damião que uma vizinha minha faz todo ano, já é tradição, aí alguns alunos foram e gostaram muito. Eu acho essas experiências importantes, porque essa molecada de hoje vive trancada em apartamento e não sabe como é a vida em bairro, por isso que eu chamo. (informação verbal)¹⁰.

Os praticantes de dança de salão também demonstram integração muito forte entre si. Constituem o grupo que mais costuma encontrar-se em espaços fora da academia. Nos finais de semana, participam de bailes, organizados pela professora, uma ou duas vezes por mês, em salões de festas de prédios de alunos ou em bufetes, que cedem o espaço e cobram a consumação. Costumam se encontrar em um karaokê, próximo à Academia, ou dançar em casas noturnas, como o Cartola Clube. Segundo a professora, o objetivo é a integração dos alunos de todas as turmas, treinar e perceber os erros mais comuns para serem trabalhados nas aulas.

A gente organiza bailes porque gosta de sair pra dançar em turma. E o baile é uma fonte riquíssima de material pra aula, porque a gente tem um olho clínico, né, então acaba prestando atenção em como os alunos se comportam, os erros mais comuns e tal [...]Mas a gente separa bem o baile da aula. No baile não tem essa de ser professor, nós somos mais um, né? Então, eu não cobro movimento difícil. Se o meu parceiro só sabe passo básico, vou dançar no básico a noite inteira, e nunca fico corrigindo aluno, porque é o momento de lazer meu e dele. (informação verbal)¹¹.

Os alunos organizam a campanha do **Transporte solidário**: os que têm carro deixam o nome, região da cidade em que moram e número de vagas disponíveis no carro. “Assim, você tem companhia, ajuda o outro e racha a gasolina”, diz a professora, ao divulgar a campanha. Eventualmente organizam coletas de alimentos e roupas para doar a entidades carentes.

¹⁰ Depoimento de Josué, mestre de capoeira no SESC.

¹¹ Depoimento de Neide, professora de dança de salão no SESC.

Ao contrário dos praticantes de capoeira e musculação, na maioria jovens, a dança de salão não é procurada por adolescentes, mas por desajeitados dançarinos de meia-idade e até **setentões** que desejam treinar os passos mais clássicos e incorporar as novidades em suas performances.

O grande número de jovens praticantes de capoeira talvez possa ser explicado pela exigência de vigor e preparo físico e por seu aspecto lúdico e criativo, que – sem abrir mão da disciplina – possibilita maior flexibilidade e improvisações. Ter um grupo de amigos que compartilham as mesmas preocupações e angústias (autoridade dos pais, escola, notas, vestibular, definição profissional) e se identificam/reconhecem por códigos, como vestuário, gíria e preferências musicais, também motiva os jovens a praticarem a capoeira.

Acho muito careta aquela estória de todo mundo ficar fazendo o mesmo movimento, como macaquinhos adestrados, não vejo graça nenhuma. Aqui, a gente tem a série de movimentos básicos, que temos que fazer no mesmo momento, mas, mesmo fazendo juntos, cada um faz com seu gingado, e na hora da roda, então, você pode escolher o golpe e o movimento de acordo com a situação do jogo, tem que usar a cabeça, e não só o corpo. (informação verbal)¹².

Os jovens praticantes de capoeira não estão preocupados com a estética – têm corpos belos – e resistem ao mecânico, associado à ginástica, enquanto os jovens da musculação, diferentemente, buscam, através de aparelhos mecânicos, um ideal estético que valoriza a exuberância da massa muscular para exibir seus corpos na rua, no clube, na piscina.

No que diz respeito ao hábito de leitura, pouquíssimas referências foram feitas dentre os aprendizes de dança de salão, enquanto os freqüentadores de capoeira citam muitos títulos obrigatórios para o vestibular e títulos infanto-juvenis. Títulos ligados à história da capoeira e da diáspora negra foram citados somente pelos praticantes desta modalidade no SESC. Os capoeiristas citaram revistas ligadas a alguma modalidade esportiva, como *surf* e *skate*, já as meninas citaram revistas voltadas ao segmento feminino *teen*, como a clássica *Capricho*.

O grupo de dança de salão não costuma, em sua maioria, freqüentar cinema. Para os capoeiristas, os diretores de cinema apontados como preferidos são Spielberg, Quentin Tarantino

e Francis Ford Copolla. Sob o impacto do grande sucesso de bilheteria de *Titanic*, James Cameron também foi bastante citado.

Quando perguntados sobre o gosto musical, os capoeiristas apontaram ter a música muito presente em suas vidas cotidianas, sobretudo o Rap e o funk. Como afirma Maria Celeste Mira (2001, p.158) “[...] a música é o elemento essencial em todas as produções para jovens e a expansão da MTV em escala mundial o atesta [...]”, o que é corroborado pela grande preferência dos capoeiristas pelos programas da MTV (74%). A adolescência é uma fase da vida na qual muito se ouve música, porque a música propicia a expressão de sentimentos e relacionar-se, estabelecendo laços de identificação. Para Hobsbawm (1996, p.321), a revolução cultural, na segunda metade do século XX, foi promovida, em grande parte, pela juventude, que se constitui numa fatia importante do mercado consumidor, impulsionando a indústria da moda e o mercado fonográfico.

Foi a descoberta desse mercado jovem em meados da década de 1950 que revolucionou o comércio da música popular [...] Podemos medir o poder do dinheiro jovem pelas vendas de discos nos EUA, que subiram de 277 milhões de dólares em 1955, quando o rock apareceu, para 600 milhões, em 1959, e 2 bilhões, em 1973.

No caso brasileiro, a explosão do mercado fonográfico ocorreu nos anos 1970, impulsionada, em boa parte, pela difusão dos aparelhos de reprodução sonora. Como aponta Enor Paiano (1994, p.194), o crescimento acumulado do mercado fonográfico nacional, no período de 1966 a 1976, foi de 444,6%, enquanto o crescimento acumulado do PIB, no mesmo período, foi de 152%. O grande *boom* da indústria fonográfica, durante os anos 70, está associado ao crescimento do número de toca-fitas e toca-discos no país, bem como ao desempenho positivo das gravadoras.

Em seu estudo sobre a indústria fonográfica brasileira, Rita Morelli também aponta para o grande aumento da produção e do consumo de discos no Brasil neste período. Segundo a autora, “[...] desde 1970 as taxas [de crescimento] tinham sido de fato progressivas, superando-se o recorde de 18,5% de 1971 logo em 1972, quando o mercado chegou a crescer 34,5%.” (MORELLI, 1991, p.67).

Se os ritmos **tradicionais** não gozam de prestígio entre os capoeiristas, têm preferência maior entre os freqüentadores de

¹² Depoimento de Luiza, freqüentadora da Capoeira no SESC.

dança de salão. Neste grupo, foi unânime o gosto pelo **bolero** – talvez por ser um dos ritmos de salão ensinados nas academias e cultivados nos bailes – e, em menor proporção, do **tango** e da **valsa**, ambos ensinados em academias, mas não tão cultivados nos bailes como o bolero. Por outro lado, os ritmos **modernos** não gozam de boa aceitação entre os aprendizes de dança de salão. Pois a grande maioria afirma não gostar de funk, Rap e *new age*.

O grupo de capoeiristas revelou-se também bastante interessado por programas esportivos, concentrando o maior número de respostas afirmativas em **costuma assistir**. Ao lado da MTV, o canal ESPN é o mais citado neste grupo.

Para explicar o gosto pelos programas esportivos entre os capoeiristas, devemos considerar a variável de gênero. É um grupo com mais da metade de seus freqüentadores do sexo masculino e, conforme apontado por John Fiske (1987), ao analisar os gêneros ficcionais masculinos na televisão, o padrão ideal de masculinidade postulado socialmente pressupõe um homem autoconfiante e controlador. Tais qualidades têm seu desenvolvimento inibido pela sociedade que o coloca em “[...] instituições que lhe negam a oportunidade tanto de expressar sua individualidade, como de exercer qualquer poder ou controle”. (FISKE, 1987, p.201) Como os homens não podem realizar o ideal de masculinidade no trabalho, buscam desenvolver um estilo masculino no lazer e, na ficção audiovisual, preferem gêneros que envolvam ação, aventura e policial. José Mário O. Ramos (1995), em trabalho sobre ficção audiovisual brasileira, também aponta nesta direção, demonstrando como o cinema policial busca captar o público masculino, com policiais **durões** e cenas de sexo, nas quais o homem domina e conduz a ação. Aqui vale lembrar ainda as reflexões de Mira (2001) que apontam para o fato de que risco, perigo, desafio, competição e ação, elementos presentes no jogo e no esporte, relacionam-se estreitamente com a construção da identidade masculina.

É grande a predominância de mulheres em todas as modalidades estudadas, com exceção de capoeira e musculação, que têm uma tradição masculina. Como mostra a Tabela 2, 79,9% dos entrevistados são do sexo feminino.

A Tabela 2 relaciona o sexo dos entrevistados com o tipo de atividade física praticada, indicando que 64% dos freqüentadores de capoeira são homens, contra 36% de mulheres.

Tabela 2- Sexo dos entrevistados, segundo atividade física praticada

ATIVIDADE FÍSICA	Masculino		Feminino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Capoeira	16	64,0	9	36,0	25	100
Dança de salão	8	42,1	12	57,9	20	100
Ginástica convencional	2	3,6	54	96,4	56	100
Terceira idade	4	11,4	40	88,6	44	100
Yoga	3	17,6	14	82,4	17	100
Total	33	20,3	129	79,6	162	100

Obs.: 2 casos sem informação.

No caso da dança de salão, a freqüência masculina e feminina é quase a mesma, o que se constitui num requisito da modalidade, havendo ligeira predominância de mulheres. Nas demais modalidades a presença feminina supera de longe a masculina, com grande destaque para o grupo de ginástica convencional, composto quase na totalidade (96,4%) por mulheres.

A predominância masculina na capoeira é relativizada no SESC, onde metade da turma é feminina, provavelmente devido ao estilo de capoeira ensinado, a **Angola**, que passa pela malícia, ginga e dança. Mas, ainda assim, alguns movimentos exigem força física e as meninas têm mais dificuldade em acompanhar.

Durante a observação, percebemos que, em alguns momentos, o mestre de capoeira imita uma garota se olhando no espelho, arrumando os cabelos, ajustando a roupa e diz: “Ah, essa produção!” Ou, em tom de repreensão, brinca: “Que moleza! Vamo embora mulher!” Outras vezes, aponta a inabilidade/ineficiência das meninas, que mostraram dificuldade na execução de um exercício que exigia força para segurar o peso do próprio corpo: “metade das meninas ficou olhando e metade errou [risos]”.

Na entrevista com mestres de capoeira de dois locais diferentes, indagamos sobre problemas ou dificuldades das mulheres, ao que responderam:

Não, ao contrário, pois, se a mulher não tem a força física, tem muito maior flexibilidade e capacidade de assimilação que os homens, pois para elas é permitido aprender desde cedo a trabalhar a mobilidade do corpo, enquanto o homem é mais “travadão”, porque ser homem passa por ser duro e ter um corpo endurecido.(informação verbal)¹³.

¹³ Depoimento de B, mestre de capoeira do SESC.

Observamos em vários momentos essa **vantagem** feminina na execução de exercícios e golpes, porém, com desvantagens pela dificuldade de acompanhar o ritmo e a força masculina.

Os únicos espaços da academia onde a frequência masculina sempre supera a feminina são as aulas de condicionamento físico e a musculação. Nas aulas de ginástica localizada, o predomínio feminino é maior, havendo várias sem um único homem; estas aulas, normalmente dadas por mulheres, são coreografadas, exigindo flexibilidade, coordenação motora e ritmo; em alguns momentos, rebola-se e os homens se sentem mais à vontade praticando os mecânicos movimentos nos aparelhos de musculação ou nos rígidos exercícios das aulas de condicionamento físico. Nos exercícios para os glúteos, os poucos homens presentes apenas observam ou protestam. Em uma aula de ginástica, a professora, com a intenção de trabalhar quadris e glúteos, propôs um exercício em que se rebojava muito. O único homem na sessão protestou: "Assim não dá pra mim!" A professora respondeu: "Por quê? Você não tem bunda?" Todas riram e ele tentou, desajeitadamente, acompanhar a turma.

A questão do gênero aparece também fortemente no grupo de dança de salão, que encontra dificuldades, pois alguns passos da dança, sem o **cavalheiro**, ficam difíceis de ser treinados. Segundo a professora, "sempre tem mais mulher que homem!" Aos **cavalheiros** permite-se que façam todas as sessões do dia e paguem apenas uma, cheguem e saiam quando quiserem, para estimulá-los a frequentar. Cabe ao homem conduzir a dança, decidindo os momentos de mudança de passo, e à mulher deixar-se conduzir. Para alguns, essa tradição é justificada pela força física. Em uma das aulas observadas na Dandy, o professor disse: "Agarre a sua dama e, se ela não entrar no seu passo, use aquela forcinha que todo homem tem no braço e force para que ela o acompanhe".

Os professores de dança de salão do SESC têm outra visão: "É uma convenção! Alguém tem que conduzir senão a dança não sai, fica uma loucura e, como a dança de salão é muito antiga, convencionou-se, numa sociedade ainda muito machista, que seria o homem a conduzir".¹⁴ Tal costume parece ser reflexo da hierarquização das relações de gênero ainda vigentes na sociedade.

¹⁴ Depoimento de N, professora de dança de salão do SESC.

As mulheres demonstram uma maior preocupação com a beleza e aparência física, desde a antigüidade, conforme relata Lipovetsky (1999, p.138): "Desde a antigüidade egípcia e depois grega, em que o uso estético das maquiagens é atestado, as mulheres sem dúvida jamais deixaram, embora em proporções variáveis, de utilizar produtos de beleza para a toilette."

No final da Idade Média, o amor cortês requer dos homens, além de atenção e delicadeza para com a mulher, a submissão a seus caprichos e exaltação de suas virtudes em poemas. A mulher deve cuidar de sua aparência, vestuário e atributos externos, como estratégia de sedução que passa pelos signos estéticos: "[...] a superestima da mulher, os louvores de sua beleza contribuíram para ampliar e legitimar na alta sociedade laica o gosto feminino pela toilette e pelos ornamentos, gosto presente desde a mais alta Antigüidade". (LIPOVETSKY, 1999, p.65).

Cuidar da beleza é uma dimensão central, segundo Hilary Radner (1995), da construção da identidade feminina – o narcisismo. **Malhar**, segundo a autora, não tem como objetivo principal atrair o olhar masculino, mas o próprio prazer em expressar-se e ver-se. Conforme apontam as palavras de Mira (2001, p.137)

A mulher, nos bastidores da cena que apresentará aos homens, é a primeira a se ver, a se tocar e se comprazer com a própria imagem no espelho. Alguns anúncios publicitários incorporam o auto-erotismo e o narcisismo como perfeitamente normal e desejável: "Sinta a maciez de sua pele" ou "Veja o brilho nos seus cabelos".

Radner (1995) aponta que, ao cuidar do seu corpo, a mulher estaria trabalhando sua auto-estima, que tem nas revistas e nos manuais de auto-ajuda fortes referências, sendo através destas leituras, estimulada a perceber a forma corporal como indicativo de auto-estima, de auto-controle e autonomia, ao invés de submissão ao olhar masculino. Hillevi Ganetz (1995), por sua vez, acredita que é a atração do olhar masculino o que motiva as garotas a se vestirem e se produzirem e acrescenta que, ao buscarem capturar esse olhar, elas estariam construindo e/ou reafirmando sua identidade sexual.

A modalidade de atividade física estudada neste trabalho que mais congrega homens é a musculação¹⁵, que tem a maioria

¹⁵ Este grupo foi incorporado ao estudo posteriormente e, por isso, não entrou no processamento das informações quantitativas.

dos praticantes preocupados com o aumento da massa muscular. Os que freqüentam a ginástica localizada ou aeróbica buscam o emagrecimento, sentir suas roupas “ficando folgadas, soltas no corpo”; os freqüentadores da musculação visam “[...] colocar uma camiseta e senti-la apertada, grudando na pele”. (informação verbal)¹⁶.

Os homens, também, cada vez mais vêm se preocupando com o próprio corpo, uma vez que o corpo masculino ganhou evidência na mídia e na moda dos últimos anos, numa espécie de recuperação de uma tendência existente durante os séculos XIV ao XVIII, momento em que, como atesta Lipovetsky (1999, p.36), a moda dizia respeito aos dois sexos, tendo havido um período de “[...] relativa preponderância da moda masculina em matéria de novidades, ornamentações e extravagâncias [...]. Ainda no século de Luís XIV, o vestuário masculino é mais rebuscado, mais enfeitado com fitas, mais lúdico (o calção bufante) do que os trajes femininos”.

Nas últimas três décadas, a noção de masculinidade vem passando por um processo de redefinição, fruto do questionamento sobre a idéia que virilidade, posse, poder, força e capacidade incondicionais são qualidades próprias aos homens e, portanto, deles exigidas.

Negando a idéia de que este movimento de reflexão sobre a condição masculina é produto direto do feminismo, Nolasco (1993) aponta que a contracultura propôs a libertação das amarras da repressão da sociedade e da cultura ocidentais e a ampliação da consciência de si pela busca de novas formas de compreensão da realidade subjetiva e social, lançando alguns dos elementos que formam as bases de sustentação deste movimento por um **novo homem**.

O **novo homem**, que procura livrar-se da opressão a ele imposta pelo machismo, imerso na busca da construção de uma subjetividade masculina assentada em bases diferentes das tradicionais, volta-se aos cuidados corporais; afinal, a construção de uma nova subjetividade passa pela redefinição de sua **morada**: o corpo.

E a indústria da beleza, muito habilmente, não tardará a buscar captar este consumidor masculino. A publicidade vem, há algum tempo, moldando uma imagem de homem preocupado

com a aparência. “Em 1967, o montante gasto em propagandas de perfumes masculinos foi sete vezes maior do que o gasto com o segmento feminino”. (HAUG, 1987, p.79). A este respeito, vale destacar o fato de que “[...] o setor de moda masculina é o que mais cresce em páginas de publicidade, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, na Revista Playboy”. (MIRA, 2001, p.173). É possível perceber, ainda, que as imagens do homem na mídia vêm sofrendo significativa alteração: o modelo heróico perde força e essas imagens tornam-se mais próximas da vida cotidiana, conforme indica a reflexão de Dario Caldas (1997, p.155, grifo do autor):

Os publicitários, atentos, detectaram primeiro o “desejo de realidade” do homem contemporâneo, cansado de ter de posar sempre de herói ou super-homem [...] os fotógrafos passaram a exigir mais atitudes que retratassem um cotidiano, no lugar de reproduzirem estátuas de Michelangelo. Ganhou espaço uma estética menos pretensiosa, mais intimista [...] surgiram novos padrões de beleza, mais próximos do homem comum.

Conforme aponta Frank Mort (apud BOCOCK, 1993), nos anos 1980 vivenciou-se uma erotização do corpo masculino sem precedentes, devido à atuação da publicidade e da moda, que souberam combinar a velha imagem do **macho** com conteúdos abertamente eróticos que remetem ao narcisismo: ao homem agora é permitido tocar-se, sentir-se, cuidar-se, sem pôr em risco sua masculinidade. A partir do momento em que os homens foram descobertos como uma fatia do mercado consumidor tão importante quanto as mulheres, a construção da identidade sexual masculina sofreu grandes alterações. É preciso lembrar que a busca de um corpo belo não carrega a mesma conotação para os dois sexos, pois a intensidade e o vigor, os efeitos sobre a relação com o corpo e a função na construção da identidade pessoal são diferenciados segundo o sexo. A beleza feminina é importante fator na diferenciação sexual do ponto de vista cultural e psicológico, e não apenas estético (LIPOVETSKY, 1999).

Portanto, o gênero é variável importante no entendimento da construção dos estilos de vida e divisor de águas nas modalidades de culto ao corpo. Parece-nos que o domínio dos esportes ainda é bastante masculino, o que é confirmado pela preferência por programas esportivos, enquanto o espaço da ginástica ainda

¹⁶ Depoimento de Renato, professor de musculação da academia Bad Tiger, concedido para esta pesquisa em 01/2001.

é predominantemente feminino, o que é demonstrado pela frequência às aulas.

Enfim, os praticantes de capoeira formam um grupo adolescente que busca um espaço de sociabilidade, troca de experiências e auto-afirmação, num momento da vida marcado pela definição de identidades; os de dança de salão agregam diferentes faixas etárias na busca de dominar os passos da dança e ganhar confiança para exibí-los, e os de musculação, composto fundamentalmente por homens, constituem-se naqueles que melhor expressam o exibicionismo como objetivo principal do culto ao corpo. Apesar da faixa etária diferente, assemelham-se por praticarem um tipo de atividade física que visa à exibição em público do que é aprendido, bem como por se demonstrarem os grupos mais atravessados pela discussão sobre gênero.

Ginástica e Terceira Idade: o gosto médio e a busca do estilo jovem

A atenção à questão etária é fundamental para o estudo de práticas que envolvem atividades físicas, uma vez que o corpo humano, suas funções e habilidades mudam consideravelmente no decorrer da vida. A **terceira idade** ganha visibilidade e espaço nas sociedades contemporâneas devido à queda das taxas de natalidade e ao aumento da longevidade. Os programas públicos voltados para **terceira idade** priorizam a atividade física como um dos requisitos para uma vida saudável. Devemos, contudo, não reduzir a explicação para a visibilidade que a velhice ganhou nas últimas duas décadas exclusivamente às mudanças demográficas. Como alerta Gitta G. Debert (1999), este tipo de análise, isoladamente, não contempla questões fundamentais a serem elucidadas numa pesquisa, questões estas que especificam particularidades das experiências vivenciadas por este grupo da população. Ou seja, é necessário não abandonarmos a perspectiva do micro e lançarmos, ao lado das análises macro-estruturais, o olhar para o que há de particular na experiência do envelhecimento nas sociedades contemporâneas.

Além de buscar atingir o consumidor masculino, a indústria da beleza, produtora das mercadorias estéticas, passa, na segunda metade do século XX, a dirigir forte apelo ao segmento jovem. Para Edgar Morin (1987, p.152 e p.157), as sociedades modernas

experimentam uma certa **juvenilização** a partir dos anos 1950, devido à cultura de massa, grande promotora desse valor:

[...] o tema da juventude não concerne apenas aos jovens, mas também àqueles que envelhecem. Estes não se preparam para a senescência, pelo contrário, lutam para permanecerem jovens [...] a cultura de massa desagrega os valores gerontocráticos, acentua a desvalorização da velhice, dá forma à promoção dos valores juvenis.

A juventude é vista como valor e modelo a ser alcançado, num mundo em que ser jovem é o caminho para o sucesso financeiro e sexual (HAUG, 1987, p.89). Para evitar ou retardar o envelhecimento, busca-se a prática de atividade física.

A população frequentadora das academias investigadas é bastante diversificada em termos etários, havendo uma concentração nas faixas mais jovens, com predominância na faixa dos 20 aos 29 anos. Já o grupo dos idosos se concentra nas modalidades voltadas à terceira idade, como *yoga* e ginástica. As faixas etárias intermediárias (20 a 39 anos) são as predominantes nas demais atividades físicas: dança, *yoga* e ginástica convencional.

Optamos por trabalhar conjuntamente os grupos de ginástica/*yoga* para terceira idade e de ginástica convencional, uma vez que seu consumo e universo culturais são muito semelhantes, visto que variáveis como **idade**, **escolaridade** e **atividade física** praticada apresentam uma inter-relação muito forte.

As faixas etárias mais altas detêm escolaridades mais baixas e praticam *yoga* e ginástica, voltadas à terceira idade. São pessoas que, com o envelhecimento, passaram a praticar atividade física para ter mais saúde, prolongar e **dar sentido** às suas vidas num momento em que se aposentam ou perdem suas funções-chave com a saída dos filhos de casa.

Eu não tive filhos, meus filhos foi minha mãe, que eu cuidei até o fim da vida dela; quando ela tinha 93 anos, ela morreu, aí eu me vi sozinha dentro de casa e minha cabeça entrou em parafuso, fiquei bem deprimida e fui procurar alguma coisa pra fazer. Depois que comecei na ginástica, minha cabeça melhorou muito, acho que melhorou mais a cabeça do que o corpo. (informação verbal)¹⁷.

¹⁷ Depoimento de dona Nair, frequentadora de ginástica para terceira idade no SESC.

Para uma parte deste grupo, fazer ginástica possibilita preencher o vazio da morte de amigos e familiares, ou dos filhos que se casam, referências importantes neste momento da vida. A frequência ao SESC abre possibilidades de passeios e diversões, como almoços de aniversário, sair para dançar e excursões.

O grupo da terceira idade utiliza o espaço da aula para fazer amigos, conversar sobre problemas comuns e organizar diversões coletivas, as quais variam, de acordo com a modalidade praticada. O vestiário é o espaço da troca mais íntima entre as mulheres, que, enquanto se **produzem** para malhar, trocam não só de roupa, mas também experiências, conversando sobre o cotidiano familiar, o trabalho e, claro, os homens.

Eu acho que não tem nenhuma graça se você chegar numa academia, fazer a ginástica, entrar calada e sair calada. Eu fiz a ginástica, mas fui embora sem ter nada de acrescentado. Eu sinto a necessidade de ver as pessoas, fazer amizade, mesmo que não seja uma amizade profunda, mas trocar idéias, ver todos os dias as mesmas pessoas é gostoso, você não se sente sozinha no mundo. (informação verbal)¹⁸.

A diferença entre a ginástica para a terceira idade e a ginástica convencional está no ritmo da aula: os exercícios são os mesmos, mas a maneira como são desenvolvidos é diferente. Alguns conflitos ocorreram devido ao ritmo acelerado e à falta de preparo e sensibilidade do professor para com as limitações impostas pela idade. Algumas alunas reclamaram: “Não dá para fazer, sou muito velha, esse exercício é muito puxado!” A professora diz que não admite que se chamem de velhos: “Velho é aquilo que se joga no lixo porque não tem mais utilidade. Eu não quero jogar ninguém aqui no lixo. Faz até onde der, mas não coloque a idade como empecilho, todo mundo pode fazer esse exercício, cada um dentro de seu limite.”

A falta de atenção e cuidados especiais aos praticantes desta faixa etária pode desmotivar os alunos, que fazem ginástica para **manter a saúde e a forma**, recuperar o **vigor juvenil**, como muitos expressam. A imposição de um ritmo acelerado expõe suas limitações, aflorando suas incapacidades decorrentes do processo de envelhecimento.

Qual é o ritmo e didática adequados a esse público? Para alguns, deve-se centrar as aulas em alongamentos, para outros,

¹⁸ Depoimento de Rose, frequentadora de ginástica convencional na Dandy.

trabalhar predominantemente a frequência cardiovascular e para outros, ainda, desenvolver as mesmas atividades dos adultos, mas num ritmo mais lento.

No caso do *hata-yoga* não há dúvidas de que o trabalho deve ser bem diferenciado, não tanto devido às diferenças físicas, mas às diferentes experiências, formação e **cabecas** envolvidas. Por envolver, além de exercícios físicos, a busca do equilíbrio emocional pela meditação e **mergulho interior**, tornando-se uma atividade terapêutica, o trabalho com a terceira idade é diferenciado, segundo o instrutor entrevistado, porque “[...] elas trazem uma problemática acumulada de muitos anos, pois em sua maioria começaram a fazer *yoga* depois de criar os filhos, ficarem viúvas, terem vivido muitas perdas e frustrações; evito, portanto, o trabalho de meditação”. (informação verbal)¹⁹.

Além do tempo menor em cada exercício, as aulas de *yoga* para a terceira idade são mais **coletivas e recreativas**. Trabalha-se muito em grupos ou duplas, canta-se, brinca-se, com toques, massagens e mensagens encorajadoras. Já o trabalho com os adultos é marcado pela individualidade, dedicando-se tempo maior a cada exercício, com predomínio da prática da meditação.

No caso do *Svasthya-Yoga*, na Fórmula – que não oferece esta modalidade para a terceira idade – a questão nem sequer se coloca, pois a prática sustenta-se em exercícios de resistência e força muscular, nos quais as coreografias mirabolantes ocupam espaço central, tornando impossível praticá-lo na terceira idade, a não ser no caso de praticantes que se iniciaram ainda jovens.

No grupo que pratica ginástica convencional, a escolha dessa atividade física está associada a outras escolhas também convencionais. É um grupo bastante heterogêneo quanto à faixa etária, mas seu universo cultural é próximo ao da terceira idade, pois ambos concentram os maiores percentuais na resposta afirmativa sobre o hábito de assistir a programas de auditório e a telenovelas.

Com relação ao gosto musical, em quase todos os estilos o grupo de ginástica concentra grande número de respostas na categoria intermediária **gostar**. As duas únicas exceções são o rap e o funk, estilos musicais mais polêmicos e identificados como mais modernos, que concentram a maior parte das respostas na

¹⁹ Depoimento de J, instrutor de *yoga* no SESC. A referência a “Elas” reforça a predominância feminina na frequência às modalidades trabalhadas. A turma de *yoga* para terceira idade é composta somente por mulheres.

categoria **não gosta**, confirmando a hipótese de que este grupo se caracteriza pelo **gosto médio**.

Os mais velhos gostam mesmo é dos ritmos **tradicionais**, como valsa, tango e bolero. Os ritmos **modernos**, em contrapartida, não são apreciados: não há um só caso de resposta em **gosta muito** de rap, funk ou *new age* e apenas um caso afirmou **gostar muito** de jazz.

Quanto à leitura, entre os frequentadores da ginástica para a terceira idade, aparecem os jornais de bairro, com distribuição gratuita, e o *Diário Popular*, um jornal mais barato e de caráter popular.

A proposta de ginástica para a terceira idade do SESC é, predominantemente, recreativa. Os frequentadores se cumprimentam calorosamente e brincam entre si durante toda a sessão. “Eu faço ginástica para sair de casa todo dia, pra ter pessoas para conversar, trocar uma idéia, trocar um carinho, se libertar um pouco dos afazeres de casa também.” (informação verbal)²⁰.

Os idosos, nas sociedades contemporâneas, buscam cada vez mais a **juvenilização**, praticando esportes, alguns, radicais, vestindo-se de modo despojado, frequentando salões de dança. Vivemos uma transformação no ciclo da vida, em que as barreiras entre juventude e velhice estão se borrando e **ser jovem** coloca-se como um imperativo para os mais velhos, fato que está ligado à cultura de consumo, que apresenta a velhice como uma fase da vida na qual traços da juventude, como vigor e atratividade físicos, podem e devem ser mantidos (FEATHERSTONE, 1994).

Hobsbawm (1996, p. 322) refere-se ao abismo histórico que separava as gerações nascidas após 1950 das gerações de seus pais, abismo muito maior do que o que separava pais e filhos de gerações anteriores.

A era de ouro alargou esse abismo, pelo menos até a década de 1970. Como rapazes e moças criados numa era de pleno emprego podiam compreender a experiência da década de 1930, ou, ao contrário, uma geração mais velha entender jovens para os quais um emprego não era um porto seguro, mas uma coisa que podia ser conseguida a qualquer hora, e abandonada a qualquer hora.

Este abismo cultural marcou as relações entre as gerações nas últimas quatro décadas. Neste início de século as fronteiras

²⁰ Depoimento de dona Nair, frequentadora de ginástica para terceira idade no SESC.

entre as gerações são borradas, em boa parte, devido às mudanças tecnológicas, que levam os grupos idosos a acessarem um universo de informações e recursos capaz de aproximá-los de um estilo juvenil. Isto pode ser percebido pelos recursos estéticos (aparelhos de ginástica, cosméticos, prática de atividade física voltada à terceira idade) e desenvolvimento tecnológico na área de comunicações, que possibilitam o acesso à informação rápida, o acompanhamento das novidades e a sensação de estar atualizado.

A busca de um estilo jovem associa-se ao culto ao corpo, ao exigir o olhar constante sobre si mesmo, a autovigilância narcísica e a capacidade de adaptar-se constantemente ao novo. Como sugere Gitta G. Debert (1999, p.21, grifo do autor), a noção de que

[...] aqueles que conservam seus corpos através de dietas, exercícios e outros cuidados viverão mais demanda de cada indivíduo uma boa quantidade de “hedonismo calculado”, encorajando a autovigilância da saúde corporal e da boa aparência [...] a juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio da vida para se transformar em um valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas.

Não por acaso, em todas as academias visitadas, havia algum tipo de atividade, horário ou sala especial para idosos. A imagem da juventude, associada ao corpo perfeito e ideal – que envolve as noções de saúde, vitalidade, dinamismo e, acima de tudo, beleza –, atravessa, contemporaneamente, os diferentes gêneros, faixas etárias e classes sociais, compondo, de maneira diferenciada, diversos estilos de vida. E a fábrica de imagens – cinema, tv publicidade – ao lado da imprensa escrita, tem, certamente, contribuído para isso.

CASTRO, Ana Lúcia de. The cult of the body and lifestyles: the game for constructing identities in contemporary culture. *Perspectivas*, São Paulo, v. 31, p.137-168, jan./jun. 2007.

■ **ABSTRACT:** *This article analyses the relationships between body and identity and, using data collected in field research in fitness centers in the City of São Paulo, Brazil, seeks to discuss the correspondence that exists between the physical activity modality*

and other "choices" that individuals make, as well as the central role assumed by the cult of the body in the complex game of constructing identities that marks contemporary culture.

■ **KEYWORDS:** *Cult of the body. Identities. Lifestyles. Cultural consumer. Sociability.*

Referências

- ARANTES, A. A. Horas furtadas: dois ensaios sobre consumo e entretenimento. *Cadernos do IFCH*, Campinas, n.27, p.23-78, 1993.
- BENEDICT, R. *Padrões de cultura*. Lisboa: Livros do Brasil, [195-].
- BOURDIEU, P. *La distinción: criterios y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus, 1988.
- _____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. p.82-121. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- BOCOCK, R.; THOMPSON, K. *Social and cultural forms of modernity*. Oxford: Polity Press: Basil Blackwell, 1993.
- BUTLER, J. *Gender trouble: feminism and subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- CALDAS, D. (Org.). *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997.
- CASTRO, A. L. de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 1999.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: DEBERT, G. G. (Org.). *Antropologia e velhice*. Campinas: UNICAMP: IFCH, 1994. v.1, p.49-71. (Textos Didáticos, 13).
- FISKE, J. *Television culture*. Nova York: Methuen, 1987.
- GANETZ, H. The shop, the home and femininity as a masquerade. In: FORNÁS, J.; BOLIN, G. (Org.). *Youth culture in late modernity*. London: Sage Publications, 1995. p.72-99.
- GEERTZ, C. *Local knowledge*. New York: Basic Books, 1983.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta, 1997.
- HAUG, W. F. *Critique of commodity aesthetics: appearance, sexuality and advertising in capitalist society*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- HOBSBAWM, E. J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- JAGOSE, A. *Queer theory: an introduction*. New York: New York University Press, 1996.
- LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p.401-422.
- MEAD, M. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho D'água, 2001.
- MORELLI, R. C. L. *Indústria fonográfica: um estudo antropológico*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.
- MORIN, E. *Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro:Forense, 1987.
- MULLER, R. P. Mensagens visuais na ornamentação corporal Xavante. In: VIDAL, L. (Org.). *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel, 1992. p.133-142.
- NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PAIANO, E. *O berimbau e o som universal: lutas culturais e indústria fonográfica nos anos 60*. 1994. 241f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 1994.

RADNER, H. *Shopping around: feminine culture and the pursuit of pleasure*. New York: Routledge, 1995.

RAMOS, J. M. O. *Cinema, televisão e publicidade: audiovisual e ficção de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SIMMEL, G. *Philosophie de la modernité: la femme, la ville, l'individualisme*. Paris: Payot, 1989.

WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

WENDELL, E. M. *I am my body: a theology of embodiment*. New York: Continuum, 1995.